

Nesse número, a *Diaphonía* entrevista o primeiro tutor e fundador do PET, o Professor Doutor Marcos José Müller, a quem, desde já, agradecemos e registramos, aqui, especialmente, pelo inestimável aceite do convite.

D [Diaphonía]

M [Marcos José Müller]

D<sup>1</sup> – O senhor poderia retratar um pouco acerca de sua biografia, formação, e que, em especial, motivou tanto o interesse pela Filosofia quanto pela Psicologia?

M<sup>1</sup> – É um prazer conceder a vocês esta entrevista comemorativa aos 15 anos de criação do PET. Tenho muito estima pela UNIOESTE, pelos profissionais que nela trabalham, especialmente pelos docentes do Departamento de Filosofia, dentre os quais encontram-se grandes amigos, que não canso de admirar. Agradeço a pergunta, muito embora, verdadeiramente, não sei até que ponto consigo responde-la brevemente. Talvez uma anedota pessoal possa ilustrar os motivos que, de todo, escapam-me. Quando tinha por volta de 4 anos, em decorrência de um acidente doméstico, fiquei alguns meses sem conseguir falar. Não lembro exatamente, mas tenho em conta os relatos dos familiares que naquela época acompanhavam-me. Ficaram muito preocupados e levaram-me a um psiquiatra que me diagnosticou como autista. Preocupada, minha mãe recorreu a uma antiga professora, por quem tinha muita admiração. Tratava-se de uma freira italiana, formada em Psicologia em sua terra natal (naquela época ainda não tínhamos psicólogos formados no Brasil) - e com quem minha mãe havia estudado. Ao que foi aconselhada a não levar a sério o diagnóstico. Com certeza tratava-se de um equívoco. Pois, em sua avaliação, o meu silêncio não era outra coisa senão uma capacidade precoce para pensar. Nas palavras dela: “(é) só um filósofo, mamãe!”. E não é sem espanto que constato o quanto a gratidão sempre acompanhou minhas escolhas, inclusive profissionais: fiz uma formação em Filosofia, mas também em Psicologia. E é claro que minhas experiências com o teatro na adolescência – que me levaram à peça *Huis Clos* de Jean-Paul Sartre – acabaram descortinando o universo da fenomenologia francesa. E eis que me deparo com os comentários de Merleau-Ponty sobre a psicanálise, que nunca mais consegui abandonar, como prova minha produção bibliográfica. Um belo sintoma, que sustenta meu desejo – e minha infinita análise!

D<sub>2</sub> – Desse percurso, a sua passagem, aqui, pela UNIOESTE. Como nasceu a ideia de criação do PET, numa época, que a Universidade e, em particular, o Curso de Filosofia passava por um novo processo de renovação e mudanças?

M<sup>2</sup> – Era o ano de 1991. A Unioeste – que à época ainda chamávamos de Facitol – não tinha vínculo algum com as agências de fomento à pesquisa. O edital do PET

seria minha primeira tentativa para alcançar financiamento a um projeto de ensino e pesquisa, bem como o primeiro convênio da instituição com a Capes. Estudei o edital, compreendi seu espírito e reconheci nele uma ocasião para aprofundar duas atividades das quais muito gostava: pesquisar e ensinar. Os gestores da instituição deram-me apoio integral. Dos meus colegas recebi muitas sugestões que foram fundamentais para a integralização da proposta. E quando soubemos que a mesma havia sido aprovada, comemoramos muito. Afinal, sabíamos que havíamos inaugurado ali um espaço formal de investigação filosófica que daria visibilidade ao empenho daquele jovem departamento, à qualidade de seus docentes e à diligência dos acadêmicos selecionados. É com muito orgulho que hoje posso dizer que os três acadêmicos que começaram seus estudos no PET em Filosofia da Unioeste são hoje docentes de Filosofia em instituições de ensino superior.

D<sup>3</sup> – Nos últimos anos, o professor tem se dedicado a inúmeros projetos e iniciativas. Parte significativa disso está embasada também em seu interesse pela clínica. Qual a sua avaliação desse trabalho? Quais outros projetos futuros nessa perspectiva?

M<sup>3</sup> – Sempre chamou minha atenção a forma como Merleau-Ponty referia-se à Psicanálise e à Psicologia da Gestalt. Se, por um lado, conforme a avaliação do filósofo, a metapsicologia freudiana - pelos conceitos de que se servia - corria o risco de limitar-se a uma antropologia naturalista; por outro, a prática analítica - pelo protagonismo que reconhecia para o analisando - ensaiava uma nova ontologia, cuja nota característica era justamente a cidadania que reconhecia para a ambiguidade na comunicação entre a sexualidade e a existência. Na via inversa, se a Psicologia da Gestalt era censurada por limitar sua leitura da existência aos experimentos em laboratório, por outro lado, a utilização que fazia da noção de Gestalt prometia uma ontologia ampliada, não regida por um princípio ou finalidade, mas solidária à forma sempre inacabada segundo a qual a linguagem e a percepção exprimem-se mutuamente. O que me levou a buscar, mais além da experiência analítica, o que significa dizer, a partir dela, uma maneira de dizê-la que tivesse aplicabilidade na própria filosofia, na forma como a ontologia poderia pensar a irreducibilidade entre os diferentes registros da experiência, doravante descritos como uma Gestalt, como um todo inacabado entre o real, o simbólico e o imaginário. E essa matriz prática e especulativa acabou por orientar minhas pesquisas, bem como minhas diversas inserções no campo da saúde mental e das políticas públicas de produção de saúde. Daí resultaram vários projetos sociais, boa parte deles desenvolvidos junto a Centros de Atenção Psicossocial a sujeitos que protagonizam formações psicóticas, bem como neuroses graves. Minha ideia era desenvolver, além de uma reflexão filosófica, tecnologias de intervenção que favorecessem o trabalho dos profissionais em saúde mental. O que me levou a publicar algumas obras, em que incorporo essas experiências, as quais agora integram uma linha de pesquisa junto ao Programa de

Pós-Graduação em Filosofia da UFSC e que se denomina: ontologia, mente e metapsicologia.

D<sup>4</sup> – Você também é membro de várias sociedades e associações científicas ou filosóficas. Dentre elas, tem sido uma presença marcante e significativamente decisiva no Colóquio Nacional Merleau-Ponty, cuja terceira edição foi promovida na UFSC sob sua organização, em 2014. Que balanço, o professor faz hoje, de mais esse projeto?

M<sup>4</sup> – Tenho acompanhado, desde seu começo, os colóquios Merleau-Ponty e tive o privilégio de poder organizar, com apoio da Capes, a terceira edição do evento na bela Florianópolis. Naquela ocasião, nossa proposta foi pensarmos menos a importância da psicanálise, das artes, da política, dentre outros temas, para a construção da filosofia de Merleau-Ponty e, mais, os efeitos das reflexões de Merleau-Ponty junto a essas áreas na contemporaneidade. Penso que a proposta foi muito exitosa, não só pela interessada recepção por parte da diversificada anuência, mas, especialmente, pela qualidade das produções – que também envolveram apresentações artísticas muito apreciadas por todos. Depois da realização do evento, como extensão dos canais de divulgação que criamos (blog, publicação dos anais), tenho verificado, junto aos colegas, o fortalecimento de uma comunidade de interlocutores, que agora inclui outros profissionais, vindos de outras áreas do conhecimento, o que muito me satisfaz. Penso que devemos dar continuidade a essa atividade, empenhando-nos na realização do quarto colóquio, sempre abertos às diferentes participações e leituras que a obra de Merleau-Ponty tem merecido nas diferentes áreas de saber em nosso País e exterior.

D<sup>5</sup> – Conte-nos sobre a sua experiência na UFSC como instituição tendo em vista, hoje, o cenário político das universidades federais.

M<sup>5</sup> – Sou docente em instituições de ensino superior há 26 anos. E gostaria de destacar a grande transformação pela qual passou a universidade federal nos últimos 15 anos. Por mérito das políticas educacionais promulgadas pela esquerda brasileira, mas, especialmente, por conta da excelência dos docentes, pesquisadores e discentes envolvidos, acompanhei uma grande expansão da pós-graduação em nosso País, não obstante estarmos muito aquém do que poderíamos estar. De todo modo, em nosso País, pagamos bolsas a pesquisadores, pós-doutorandos, doutorandos, mestrandos, graduandos em iniciação científica, como não se vê em parte alguma no resto do mundo. Os investimentos, por menores que tenham sido, promoveram uma inclusão qualificada de pesquisadores, cujos efeitos benéficos a sociedade como um todo vai desfrutar. Ademais, as políticas de cotas mudaram a cara da universidade federal brasileira. Se, antes, tais instituições limitavam-se a centros de transmissão de saberes para as classes melhor posicionadas no cenário econômico, hoje, vemos representantes de todas as classes, o que exigiu de nós, docentes, uma outra forma de produzir e transmitir. Fico muito feliz de perceber que recebo alunos de todas as

classes e que a universidade hoje não é mais um reduto de privilegiados.

D<sup>6</sup> – Qual sua opinião sobre a disciplina Filosofia no ensino médio e sobre a formação filosófica na universidade? Qual a relação com políticas públicas?

M<sup>6</sup> – No Estado de Santa Catarina, há muitos anos, o ensino da Filosofia no ensino Médio é obrigatório. Trata-se de uma experiência muito exitosa, que acompanhamos parcialmente por meio do Núcleo de Estudos em Filosofia no Ensino Médio, o qual têm apoiado não apenas os graduandos em Filosofia da UFSC, mas os egressos que hoje trabalham como docentes na rede de ensino. Da mesma forma, para adequar nossos cursos às novas legislações, reformamos o currículo da licenciatura, de sorte a favorecer a melhor preparação desses importantes e heroicos profissionais, lamentavelmente muito mal remunerados. Ainda assim, é característico dos que se ocupam da docência em ensino médio que pleiteiem a continuidade de suas formações em nível de pós-graduação. Por isso, sempre estão perto da universidade. Penso que devemos incrementar e engrossar os movimentos nacionais promovidos pelos docentes do ensino técnico, médio e fundamental e que buscam a valorização dos profissionais professores, os quais encontram-se numa situação crítica, no limiar do descaso dos governos estaduais e da indiferença da sociedade, servindo de amortecedores da violência doméstica, social e institucional que nos afeta a todos.

D<sup>7</sup> – Qual a sua perspectiva para a filosofia no país? Que desafios, a área tem, pela frente?

M<sup>7</sup> – Não são muitos os lugares em que podemos verdadeiramente resistir contra os dispositivos de controle das populações, os quais todos os dias buscam a normalização das nossas condutas e saberes. Especialmente a cumplicidade da mídia em relação aos grupos econômicos que dominam o cenário político e econômico em nosso País e no Mundo, tem um efeito devastador sobre a autonomia dos sujeitos para pensarem o que querem fazer de suas próprias vidas e das instituições a que pertencem ou pelas quais se interessam. É nesse sentido que costumo reconhecer, por exemplo, nas práticas clínicas que dão ao sujeito a possibilidade de praticarem o livre discurso, o discurso livre, espaços de produção de resistência contra as configurações totalitárias no manejo dos saberes. E estimo que a Filosofia possa oferecer, da mesma forma, espaços de crítica e resistência, desde que se comprometa com a salvaguarda do livre discurso. O principal desafio que nos toca, nesse sentido, é denunciar o uso totalitário do saber pelas diferentes instituições, instituições essas que incluem desde os hospitais psiquiátricos às cortes que se arvoram no direito suprimir a reflexão pelo cumprimento irrestrito de leis, as quais, todavia, não mais representam o interesse coletivo.